



Centenário da Estátua O ESCOTEIRO

Pg. 3

**MORRO AZUL ESPERA LUZ E
ORDEM PARA SER URBANIZADO**

Pg. 7

O Lobinho zangado!

Dr. João Ribeiro.

Pg. 8



**CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DO
PADRE PAUL RIOU – Pg. 4 a 6**



Comece o ano adquirindo
produtos da Loja do CCME.
Assim você ajuda com a
manutenção do Centro Cultural.
www.ccme.org.br/loja

**Jantar Beneficente reúne
amigos e admiradores do
CCME para encerrar o ano –**

Pg. 8

Cursos & Eventos

Os chefes do 393ºGEMAR Legais Regis, de São Paulo, receberam neste sábado 04/11/23 os certificados do CI-MAR (Curso Informativo sobre o Escotismo do Mar) das mãos do nosso Conselheiro Paulo Farias. O curso foi aplicado em 2022.



Reunião de fim de ano da EQFOR-RJ acontecendo no CCME este domingo 03-Dez. O encontro foi dirigido pela formadora Dilce Blezer, do 16ºGE Anhangá.

O CCME compareceu no dia 5 de Novembro a celebração do Centenário do Padre Paul Riou, no Morro Azul (bairro do Flamengo). A solenidade que contou com a celebração de uma missa pela Paróquia Santíssima Trindade também contou com a presença de muitos moradores da comunidade e do grupo escoteiro 116ºGEMAR que há alguns anos, após o falecimento do padre, adotou seu nome em homenagem.



O CCME recebeu, no domingo pela manhã (17/12/23), o evento de fim de ano do projeto dos "Griots" da Região Escoteira do Rio de Janeiro.



CENTENÁRIO DA ESTÁTUA 'O ESCOTEIRO'

Na sexta-feira, 22 de dezembro de 2023, representantes do escotismo e do bandeirantismo compareceram à Estátua do Escoteiro, na entrada do Parque do Flamengo. A celebração foi dirigida pelos chefes Roberto Escossia e Andre Torricelli, representando o Centro Cultural e a Comissão do Restauro.

A celebração foi singela, simples e verdadeira. Os presentes relembrou como foi toda a campanha para o restauro do monumento que foi vandalizado em 2019. Foram lembrados os diversos atores que colaboraram para que a estátua pudesse novamente estar para a comunidade, antes da comemoração do seu primeiro centenário.

A partir desta data, todo que for a estatua e tirar uma foto com ela, poderá adquirir no CCME o distintivo especial do centenário. Durará até a próxima cerimonia, em 2024.



Registramos a presença ao cerimonial que aconteceu no pôr do sol, do Núcleo Bandeirante Sagrada Família, que abrilhantou a celebração com seu ramo guia; do lobinho Antonio Torricelli, do 123ºGEMAR; e adultos do 02ºGE São João Batista da Lagoa, do 08ºGE São Francisco de Assis, do 13ºGE Flor de Lis, do 40ºGE Anchieta, do 82ºGE Marechal Castelo Branco, do 87ºGE Brownsea e do 123ºGEMAR Alte

Saldanha. Os que compareceram a solenidade poderão adquirir os primeiros distintivos do Centenário da Estátua "O Escoteiro". Os demais que desejarem o distintivo terão que fazer na campanha "A Estátua Centenária", a partir desta data e até a próxima cerimonia no fim do ano.

Padre Paulo Riou chegou da França em 1952, com menos de 25 anos de idade, para atuar na Paróquia de Santíssima Trindade, no bairro do Flamengo (Rio de Janeiro). A Paróquia é de uma congregação de padres franceses.

Centenário de nascimento do “padre-escoteiro”: Paul Riou

A COMUNIDADE

Logo na primeira semana em que chegou ao Rio foi visitar a desconhecida comunidade próxima da paróquia, o morro azul. Acompanhado por um paroquiano foi batendo na casa das pessoas, conhecendo-os e na segunda semana organizou o “Comitê de Moradores” quando começou a contar suas ideias para os moradores. Naquela ocasião no morro existiam muitas criações de animais, o lixo era colocado em qualquer lugar etc. Pela falta de higiene existia uma alta taxa de mortalidade infantil, e um surto de doenças matou muitas pessoas. Logo ele organizou o primeiro de muitos mutirões de limpeza em todo o morro, o que já diminuiu o contágio de doenças. Logo, organizou uma farmácia popular para onde levava as sobras e doações de remédios que podiam ser acessados gratuitamente e também conseguiu um médico da



paróquia que com um tiket de recomendação sua, atendia os moradores no seu consultório. Ele era o cérebro das ações propostas para a Comunidade e também metia a mão na massa como o escoteiro de sempre, carregando peso, material, fazendo o trabalho de pedreiro etc. Começou a organizar a infraestrutura da favela abrindo ruas, fechando valas e por fim iniciou a urbanização do lugar incluindo fazer casas de alvenaria. Conseguia através da paróquia e da congregação recursos e apoios especializados além de organizar campanhas com outras entidades. Desta forma deu assistência às mães, crianças e pais. Com isso abaixou todos os índices de mortes e doenças na comunidade. Pe Paul assumiu a comunidade

tornando-a um trabalho social oficial da Paróquia. Ele foi cofundador e primeiro administrador da Pastoral Carcerária com Dom Elder Câmara e ensinava profissões aos presidiários. Ele também foi cofundador da Feira da Providência e aos finais da feira ele com os escoteiros do GEMAR pegar as madeiras que sobravam e levava para a baixada, onde ficava a sede Pastoral Carcerária, para utilizar nas aulas dos presos. Dom Elder se inspirou nele para fazer o trabalho na Cruzada São Sebastião. No morro Azul construiu o primeiro prédio, abriu a rua que sobe



Em exposição no CCME o cinto de escoteiro francês do Pe. Paul Riou.

até o topo do morro, construiu casas diversas em sistemas de mutirão, instituiu o botijão de gás (que cozinhava à lenha) e criou a regra que não podiam ter moradores novos para evitar o crescimento da comunidade. Em 1965 o governador Carlos Lacerda realizava um conjunto de ações para retirar todas as favelas da zona sul e o padre enfrentando de frente o governo transformou a comunidade em um bairro para livrá-los da desapropriação que daria lugar ao Hotel Nacional. Aguentando muitas pressões políticas e oferecimentos de dinheiros para abandonar a comunidade, também foi procurado pela Fundação Rockefeller que queria colocar no morro a sua sede. Percebendo que eles iriam consumir todos os recursos apenas com a estrutura da associação, vetou o projeto.



INFANCIA, ADOLESCENCIA e a GUERRA.

Paul Riou nasceu em Brest (França) em 31 de outubro 1923 e começou a ser um escoteiro aos 15 anos, em 1939. Quando iniciou a segunda guerra mundial ele já estava estudando no Colégio e por causa dos boatos que os alemães iriam capturar todos os jovens ele saiu do colégio para participar dos “maquis” que eram uma resistência francesa no sul da França, que esteve organizada de 1940 a 1944. A força do “Maquis” foi a ajuda das populações locais pois a maioria eram as mães dos resistentes, que eram adolescentes. Os militares alemães não entravam nestas áreas pois sempre se perdiam tendo em vista que o local não era cartografado e assim só os meninos locais conheciam a região, incluindo túneis subterrâneos. A mãe dele foi considerada heroína de guerra porque quando houve o

ataque dos aliados para lutar contra os nazistas um soldado americano caiu de paraquedas dentro da casa da família e ela o guardou escondido em casa, mesmo com os alemães procurando e pressionando. Na hora adequada o soldado americano saiu da casa partindo ao ataque.

Numa ocasião em que voltou ao Colégio para visitar os amigos, estava falando com três deles quando chegou uma patrulha alemã e o prendeu. Os nazistas diziam que depois de terminarem as construções que estavam fazendo os jovens seriam liberados, mas mesmo assim quando teve um pressentimento fugiu do campo de concentração. Soube, depois, que quando terminaram a obra os nazistas mataram todos os jovens franceses que lá estavam.

Aos 24 anos estourou a guerra do Indochina (1947/1954) e ele teve que se alistar indo novamente para a guerra. Atuou na Companhia de Apoio a Emergências indo pontualmente para áreas que estavam sendo atacadas com vistas a reforçar as tropas. Num episódio estava numa companhia que tomava conta do aeroporto e dormiu em baixo de um avião. Quando acordou com gritos, em frações de segundos ele conseguiu pegar a metralhadora e metralhar um Chinês que estava quase em cima dele com um facão em mãos para lhe matar. Noutra situação estava em cima de um caminhão realizando um deslocamento quando o comboio parou ao lado de um arrozal. Desceram para retirar galhos e troncos do caminho quando tem um pressentimento, olha para trás e vê um Chinês com um facão que já tinha matado o colega dele e estava correndo para cima. Em um reflexo conseguiu pegar a arma, atirar e continuar vivo. Já no final da sua participação uma granada estourou perto atingindo seus olhos. Ele perdeu uma vista sendo dispensado e voltando para casa. Tinha vários problemas oriundos das guerras como escoriações de estilhaços de granada, ferimentos de tiros que levou além do fato de não enxergar de um olho.



O irmão mais velho dele, Marcel Riou, foi presidente do sindicato dos pescadores na cidade onde moravam. Foi chamado para opinar e testar o projeto do hoje popular bote inflável com motor de popa, que seriam vendidos para a Marinha. Como era experiente de mar apontou alguns defeitos no projeto antes do barco sair para o teste, e impediu que várias pessoas fossem ao teste. Quando estava no meio da navegação numa onda veio de frente, bateu no bote e Marcel Riou morreu. O dono do projeto sobreviveu porque tinha se amarrado pelo

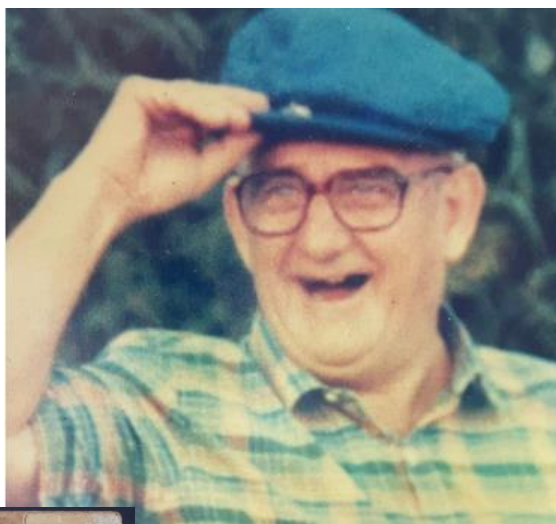
braço na boia do bote. Por esse motivo o projetista foi hostilizado vez que se protegeu e deixou o outro à sorte, acabando no óbito. Teve que se mudar da cidade. Quando conseguiu um escaler para o grupo homenageou o irmão que impediu tantas mortes dando ao barco o nome do herói.



GRUPO ESCOTEIRO DO MAR 106/46/116

Tal como BP fez no início do escotismo ele resolveu criar o 106º Grupo Escoteiro do Mar Marquês de Tamandaré em 1961 dando à juventude um pouco da vivência como ele próprio vivenciou. Tirou as crianças das ruas, da ociosidade, falta de escola e da falta de orientação. Ele conseguia tanto o uniforme quanto o custeio das atividades para que nenhuma criança da comunidade ficasse de fora. Ou ele conseguia pelo trabalho dele, ou a Paróquia Santíssima Trindade pagava. Participavam de acampamentos de grupo de 15 dias em ilhas da Marinha, além das atividades dos Escoteiros do Mar, regionais e nacionais. Ele ia junto, acampava com a garotada e contava várias histórias vividas na guerra. O grupo possuía um escaler chamado 'Marcel Riou' onde acontecia a navegação. Ele também dava as aulas de catecismo e fazia a primeira comunhão de todos os escoteiros. Em meados da década de 90 o grupo ficou inativo por falta de chefes mas logo, em 1999, antigos escoteiros reativaram com o numeral 116.

Mesmo tendo se mudado de volta para a terra natal, sempre entrava em contato com seus escoteiros para saber como estava o grupo. Retornou ao grande acampamento na noite de 14/12/2017, aos 94 anos, na França.



União dos Escoteiros do Brasil		Registro na U.E.B. nº. 45240 em 1965						
Nome: PADRE PAULO RIOU		Data: 15-02-1923						
Residência: RUA SERRA DO VERDE 191		Telefone: 25.3225						
Nascimento em 31 de Outubro de 1923		Natural de BAIXA FERRAZ						
Filiação: Pai		Natural de						
Mão		Natural de						
Grão de instrução: SUPERIOR		Religião: CATÓLICA						
Profissão: ESCOTEIRO		Estado Civil: SOLTEIRO						
Trabalha em		Cargo: VIGILANTE CONSUMIDOR						
Estuda em								
Ramo		Grupo	Inscrição	Obrigatoriedade	Classe	Data	Especialidade	Data
FRANÇA	106/46	1989	1943		Palestra			
FRANÇA	106/46				Lab. 1ª Exatidão			
					Lab. 2ª Exatidão			
					Lab. de O. de Sol			
					Inspeção			
					Esc. 1ª classe	1939		
					Esc. 2ª classe			
					Esc. 3ª classe			
					Esc. 4ª classe			
					Esc. 5ª classe			
					Esc. 6ª classe			
					Esc. 7ª classe			
					Esc. 8ª classe			
					Esc. 9ª classe			
					Esc. 10ª classe			
					Esc. 11ª classe			
					Esc. 12ª classe			
					Esc. 13ª classe			
					Esc. 14ª classe			
					Esc. 15ª classe			
					Esc. 16ª classe			
					Esc. 17ª classe			
					Esc. 18ª classe			
					Esc. 19ª classe			
					Esc. 20ª classe			
					Esc. 21ª classe			
					Esc. 22ª classe			
					Esc. 23ª classe			
					Esc. 24ª classe			
					Esc. 25ª classe			
					Esc. 26ª classe			
					Esc. 27ª classe			
					Esc. 28ª classe			
					Esc. 29ª classe			
					Esc. 30ª classe			
					Esc. 31ª classe			
					Esc. 32ª classe			
					Esc. 33ª classe			
					Esc. 34ª classe			
					Esc. 35ª classe			
					Esc. 36ª classe			
					Esc. 37ª classe			
					Esc. 38ª classe			
					Esc. 39ª classe			
					Esc. 40ª classe			
					Esc. 41ª classe			
					Esc. 42ª classe			
					Esc. 43ª classe			
					Esc. 44ª classe			
					Esc. 45ª classe			
					Esc. 46ª classe			
					Esc. 47ª classe			
					Esc. 48ª classe			
					Esc. 49ª classe			
					Esc. 50ª classe			
					Esc. 51ª classe			
					Esc. 52ª classe			
					Esc. 53ª classe			
					Esc. 54ª classe			
					Esc. 55ª classe			
					Esc. 56ª classe			
					Esc. 57ª classe			
					Esc. 58ª classe			
					Esc. 59ª classe			
					Esc. 60ª classe			
					Esc. 61ª classe			
					Esc. 62ª classe			
					Esc. 63ª classe			
					Esc. 64ª classe			
					Esc. 65ª classe			
					Esc. 66ª classe			
					Esc. 67ª classe			
					Esc. 68ª classe			
					Esc. 69ª classe			
					Esc. 70ª classe			
					Esc. 71ª classe			
					Esc. 72ª classe			
					Esc. 73ª classe			
					Esc. 74ª classe			
					Esc. 75ª classe			
					Esc. 76ª classe			
					Esc. 77ª classe			
					Esc. 78ª classe			
					Esc. 79ª classe			
					Esc. 80ª classe			
					Esc. 81ª classe			
					Esc. 82ª classe			
					Esc. 83ª classe			
					Esc. 84ª classe			
					Esc. 85ª classe			
					Esc. 86ª classe			
					Esc. 87ª classe			
					Esc. 88ª classe			
					Esc. 89ª classe			
					Esc. 90ª classe			
					Esc. 91ª classe			
					Esc. 92ª classe			
					Esc. 93ª classe			
					Esc. 94ª classe			
					Esc. 95ª classe			
					Esc. 96ª classe			
					Esc. 97ª classe			
					Esc. 98ª classe			
					Esc. 99ª classe			
					Esc. 100ª classe			

Ficha Escoteira do padre

Este artigo foi feito principalmente com depoimentos colhidos dos chefes Juca e Everaldo, que estão a frente do 116º GEMAR Pe Paul Riou. Recentemente o nome do grupo foi modificado para homenagear o padre.

“Como o pessoal ia as segundas-feiras acender velas pras almas na gruta de N.S. de Lourdes, na Santíssima Trindade, ele começou a vender velas lá, só, que, nas terças-feiras, ele levava uns garotos para rasparem as ceras das velas e pegava as caixinhas, dobrava e depois mandava pra fábrica. Com isso, ele não só pagava a feitura das velas. Somava garrafas, jornais velhos e revistas que juntava e vendia, ele patrocinava o grupo.”

José de Almeida (juca)

“A ‘menina dos olhos’ dele era o Grupo Escoteiro. Ele sempre deu prioridade ao Grupo tanto que não media esforços para que a gente tivesse todas as condições para as crianças se tornarem escoteiros e participassem plenamente do movimento.”

Everaldo Santos

“Me lembro de algumas atividades distritais e de escoteiros do mar, quando não tínhamos transporte para levar os materiais aparecia o Pe Paul Riou com a kombi da Paróquia e socorria a gente.”

Marcelo Motta

“Quando comissário distrital da Zona Sul, pelo período de 1968 a 70, das vezes que estive visitando o grupo presenciei o padre sempre lá atuante militando pelo escotismo. Acabei tendo um bom convívio com ele. Foi uma pessoa muito humana e seu enorme espírito escoteiro apoiou em especial os escoteiros do mar. Era alguém que trabalhava muito pelo escotismo.”

Raimundo Monteiro

CORREIO DA MANHÃ, sexta-feira, 7 de janeiro de 1966.

MORRO AZUL ESPERA LUZ E ORDEM PARA SER URBANIZADO

Enquanto descansam dos repetidos apelos às autoridades para que os deixem urbanizar a sua favela, os moradores da Rua Marquês de Abrantes, 124, carregam pedras e tijolos para melhorar as condições de vida de 150 famílias sobreviventes de um incêndio que, em 1959, transformou em inferno o morro chamado Azul.

Protegidos por um padre, que os ajuda com alimentos, remédios e trabalho, os integrantes das 150 famílias já construíram pista de paralelepípedos de acesso às suas casas, uniram-se num comitê de moradores e preparam as instalações elétricas de um prédio já construído pela Cruzada São Sebastião (onde vivem 47 do total de famílias), sem, entretanto, conseguirem ligação de energia da Ligth.

NO ESCURO

Apesar dos pedidos que fazem há três anos, os moradores do Morro Azul continuam a viver em plena cidade, com suas casas iluminadas por candieiros e lampiões.

Pela ação do padre Paulo Riou, da Matriz da Santíssima Trindade, eles já conseguiram que o terreno ocupado por suas casas lhes fosse doado, dependendo agora de andamento de processos burocráticos no IAPI.

A partir do momento em que a área seja totalmente liberada, os moradores tratarão de urbanizá-la com seu próprio trabalho, construindo ruas e casas de tijolos.

COMITE

“Sábado e domingo teremos dois caminhões do Estado para retirar entulho. Precisamos de 10 homens voluntários para ajudar no serviço.” O aviso aparece num quadro negro colocado na subida da favela do Morro Azul e sua chamada certamente será atendida, confirmando o que ocorreu em outras oportunidades.

SEM CRIMES

Desde que existe a favela do Morro Azul somente um crime de morte foi perpetrado. Ocorreu antes do incêndio e seus personagens moravam em outros locais.

O Comité de Moradores, presidido pelo Sr. Alzires de Lima, que é detetive e funcionário da Aeronáutica, não permite a venda de cachaça na única tendinha. A entrada no local só é permitida aos moradores e seus visitantes. Uma reunião mensal com o representante de cada rua (de A a G) decide as próximas providências e até a expulsão de quem se tornar inconveniente. Quando alguma coisa anormal ocorre, os próprios moradores improvisam patrulhas e vão tomar as providências necessárias ao bem estar geral.

CAPELINHA

O padre Paulo Riou dedica parte de sua vida ao Morro Azul. Conduz doentes ao hospital em seu carro, consegue remédios e alimentos gratuitos, carrega tijolos e pedras, entre crianças e moradores adultos, para a construção, no alto do morro, da Capelinha de Nossa Senhora de Lourdes, que substituirá a antiga, feita de madeira, há muito tempo ameaçada de desabar.

O Sr. Alzires de Lima disse ontem ao CORREIO DA MANHÃ que os dois grandes sonhos dos moradores do Morro Azul são, no momento, a ligação da energia elétrica e a permissão para as obras de urbanização. “Quando o conseguirmos – afirmou – Padre Paulo será, por certo, o mais feliz de todos.”



OUTRA FAVELA

A Secretária de Serviços Sociais, sra, Hortência Dunshes de Abranches, visitará, em companhia do administrador Regional de Botafogo, na próxima segunda-feira, dia 10, a Favela do Guararapes, no Cosme Velho, a fim de, com os dirigentes da União Pró-Melhoramentos deste conjunto, acertarem os planos de compra, por parte dos moradores, do terreno em que se situa a favela e a sua necessária urbanização.

Como se sabe, o terreno em questão pertence atualmente à filha do ex-prefeito Pereira Passos, e a oneração que se irá fazer é velha aspiração dos moradores locais, e cuja área compreende cerca de 37.000m² e o seu custo será de Cr\$ 70 milhões.

Segundo consta, a compra do terreno será forma parcelada, sendo a entrada de Cr\$ 3 milhões, e a mensalidade de 1 e meio milhão mensais, que será paga pelos moradores, respectivamente, em parcelas individuais de Cr\$ 20.000, na parte da entrada, e de Cr\$ 10.000, nas mensalidades que custearão a área de terreno.

Quanto às obras de urbanização e saneamento, a Secretaria de Serviços Públicos e a Administração Regional de Botafogo se comprometerão a executar a auxiliar, se possível, também, com a angariação de fundos, sendo este o primeiro passo a ser dado pelo atual governo para solucionar os problemas referentes às favelas.



JANTAR ESCOTEIRO BENEFICENTE do CCME

Imagens do Jantar de fim de ano do CCME que aconteceu no restaurante Estação 184, no Largo do Machado, na noite do dia 22/12/23.



CCME

Conselho – AE Marcelo Francisco Campos
Assembleia - AE (Rm1) Mauro Cesar Pereira
Presidente - Erval Allemand S. Filho
Vice-Presidente – Marcelo Motta
Vice-Presidente – André Sá
Acervo – Maria Cecília Rodrigues
Administrativo – Renato Pimenta
Cultural – Marta Caminha
Grêmio de Vela – Andre Torricelli

“O Lobinho zangado”

Alerta – nov/dez 1951

Dr. João Ribeiro

Baloo, tenha feito força
Para ser um bom lobinho
De ninguém eu faço troça

Penso sempre na Promessa
Procuro cumprir a Lei,
E para que não me esqueça
De cór, todas as duas sei.

As máximas da Jangal
Estou sempre a recordar,
Mas tudo me sai tão mal
Que penso que estou de azar.

Veja só! No outro dia
De um bolo muito gostoso,
Eu ganhei uma fatia
Que me fez ficar guloso.

Mas lembrei-me que “O Lobinho,
Nos outros pensa primeiro”
E levei um pedacinho
P’ro meu cãozinho “Sineiro”.

Êle lambeu-me a mão toda
De pura satisfação,
“Lobinho está sempre limpo”
E eu fui lavar a mão.

Quando já estava limpinho
Houve na sala uns ruídos,
Que me lembraram “O lobinho
Abre os olhos e os ouvidos”.

Fui ver. O gato “Mimoso”
Comera toda fatia,
Daquele bolo gostoso
Que tanta gula fazia.

Baloo, eu sei que “O lobinho
Diz sempre a verdade”.
E sendo um bom lobinho
Procedendo com lealdade.

Estou danado de raiva
Estou por conta com o “Mimoso”,
Se eu fosse menor chorava,
Mas um homem não é manhoso!

Baloo, me diz com clareza
Como é que a gente consegue,
Ficar sem a sobremesa
E ainda “estar sempre alegre”.